

## ESCOLA PARA ADOLESCENTES: Realidade ou Ficção?

Anna Thereza Patricio B. Bezerra  
Escola Técnica Federal da Paraíba - ETEFPB  
Av.: 1º de maio, 720 - Jaguaribe  
58015-430 - João Pessoa - Paraíba - Brasil

### Resumo

*A escola tem papel fundamental na vida de um indivíduo, por ser aí que este estabelece seus primeiros vínculos afetivos e sociais fora do lar. Na época da adolescência, é com dificuldade que a instituição educacional acolhe seus alunos, agora impacientes, barulhentos, desafiadores. O objetivo desse trabalho é apresentar a responsabilidade de uma escola para adolescentes, frente à problemática que envolve esta fase do desenvolvimento humano.*

São corpos, rostos, corações, cabeças diferentes que pensam, embelezam, assustam, cativam. Um pouco de criança, um pouco de adulto, lá vêm eles elegantes, desengonçados, invadindo a escola por todos os lados. Falam, cantam, gritam e calam. Assim são eles, uma realidade que precisa ser encarada com tranqüilidade, por profissionais técnica, política e pedagogicamente preparados nas diversas áreas do conhecimento.

A educação de um indivíduo deve ser um canal para sua transformação, ajudando-o no desenvolvimento de suas potencialidades e na descoberta de outras. (NOVAES, p. 9. 1986). O psicólogo tem realizado um trabalho significativo nesse aspecto, auxiliando a professores, alunos e pais na melhoria de suas relações interpessoais e conseqüentemente no ensino-aprendizagem.

Constitui-se objetivo da Psicologia Escolar, a prevenção e desenvolvimento junto a uma equipe multidisciplinar de programas de higiene e saúde mental, que favoreçam o ajustamento dos alunos ao seu meio social, o que requer oportunizar os indivíduos vivenciarem experiências positivas não só no seu processo de aprendizagem, mas também em suas relações com os outros. O serviço de Psicologia na escola deve manter um trabalho integrado com os serviços médicos, de reeducação especial, de tratamento psicológico, e ainda com órgãos especializados no atendimento a crianças portadoras de deficiências visuais, auditivas e com distúrbios de linguagem (NOVAES pp 23 a 35, 1986).

O trabalho psicológico na escola deve envolver alunos, professores e a família dos alunos, pois é dessa harmonia que vai depender o sucesso ou fracasso escolar do aluno. Não se deve esquecer, no entanto, que outros fatores também podem interferir negativamente nesse processo como os problemas de saúde, os econômicos e os familiares.

Os distúrbios de conduta têm sido responsáveis por muitas dificuldades escolares, e merecem uma observação sistemática de pais e educadores.

Através da observação da sintomatologia que acompanha a evolução normal da criança, esses distúrbios são classificados em: distúrbios do sono, da alimentação, da motricidade, da palavra e linguagem, da sociabilidade, da sexualidade, da escolaridade; hábitos e manipulações; birra e ciúmes; medos e crises de ansiedade (GRUNSPUN P 115, 1995).

Até a adolescência tais distúrbios podem não parecer, no entanto, iniciar-se aí a eclosão de outros, próprios da idade, ou ainda de um quadro de defesa pela ansiedade que o indivíduo vivencia (GRUNSPUN P. 124, 1995)

O adolescente tem necessidade de emancipação, aceitação e flexibilidade do ambiente, constituindo-se características psicológicas peculiares desse momento, a tempestuosidade e o binômio dependência x independência, e/ou criança x adulto (GRUNSPUN P. 124, 1995)

A fadiga, os distúrbios físicos periféricos e os distúrbios sensitivo-motores, influem diretamente sobre a aprendizagem, embora a conduta escolar também possa favorecer o aparecimento de outros distúrbios como é o caso de instabilidade escolar, do rendimento escolar insuficiente, das dificuldades para leitura, escrita e aritmética: dislexias (GRÜNSPUN pp. 377 a 379, 1995)

O aparecimento de qualquer patologia no aluno merece a atenção e encaminhamento precoce a profissionais como médico, psicólogo, fonoaudiólogo entre outros para tratamento especializado conforme o caso.

O sucesso ou fracasso do aluno é influenciado não só por suas capacidades e habilidades, mas também pelo nível de relação que estabelece com os professores, colegas e seus pais.

A Psicologia Escolar apoia-se no tripé professor, aluno e pais, apontando para uma co-responsabilidade nessa relação, cujo objetivo é (re) estabelecer o equilíbrio emocional dos envolvidos, melhorando com isso o processo educativo (NOVAES, pp. 31 a 39, 1986).

A escola que atende a adolescente particularmente, precisa estar preparada no que diz respeito ao conhecimento, compreensão e respeito às modificações apresentadas nessa fase do desenvolvimento. Atualmente, mesmo havendo um grande acervo de informações técnicas, pedagógicas e científicas sobre a adolescência, ela continua assustando, surpreendendo a pais e educadores, que em sua maioria apresenta dificuldades para lidar com esta problemática.

Adolescência é um período importante na vida de qualquer pessoa, onde se percebe conflitos, angústia, contrastes, alegrias, descobertas, dúvidas, contestações, lutas, ambivalência, numa busca mágica do mundo adulto.

Nessa época as transformações fisiológicas e morfológicas são mais evidentes. O corpo começa a assumir proporções que desorientam o adolescente: crescimento ósseo; desenvolvimento muscular; aparecimento de pêlos no corpo; aumento da força física; as meninas menstruam; os meninos modificam a voz. Essas e outras mudanças a vivência de um verdadeiro luto pela perda do corpo infantil (ABERASTURY p. 25, 1988).

O despertar sexual gera ansiedade, mas traz também o desejo de agradar, fazer-se notar, ser reconhecido, aproximar-se fisicamente do grupo. O adolescente passa a andar em turma dentre outras coisas, para participar de atividades culturais e passear (BENETTI, p. 20, 1990).

O que há de menos visível no adolescente é aspecto intelectual, de cujo amadurecimento dependem seu comportamento e atitudes. Para o adolescente raciocinar representa mais que uma necessidade, é um prazer (BENETTI, pp. 26 a 28, 1990)

As referências e certezas familiares agora são questionadas, tornando-se necessário a construção de seguranças alternativas. Na busca de sua identidade, o adolescente muitas vezes constrói identidades negativas passageiras, opondo-se aos modelos ensinados pelos pais, vistos agora como seus iguais. (BENETTI, pp. 32 a 33, 1990). Nessa batalha ele vive o luto pela perda dos pais da infância.

O adolescente acompanha os modismos, e suas roupas, sapatos e acessórios, muitas vezes, apresentam características unissex, numa demonstração do conflito que vivencia em relação à definição de sua sexualidade. Percebe-se nessa forma de vestir, comum aos dois sexos, a presença de bissexualidade: bonés, camisões, tênis, cabelos longos, brincos, entre outros adereços que costumam usar, sendo mais vezes difícil identificá-los pelo sexo, sem uma observação mais cuidadosa. Sua forma de vestir e comportar-se desafia normas e preconceitos.

Na escola, o adolescente continua a chocar as pessoas pela ousadia que lhe é peculiar: usa farda pelo lado avesso, calças rasgadas, camisas e blusas recortadas em vários modelos, insistindo na aceitação dessa vestimenta como seu fardamento. Tudo isso traz inúmeros problemas relacionados à disciplina, o que tem provocado confrontos algumas vezes sérios não só entre ele e a escola, mas também entre esta e sua família.

A perda da identidade infantil é outra causa de luto (ABERASTURY pp. 24 e 25, 1988). Agora ele quer ser reconhecido como integrante da família e do grupo de amigos, um ser participativo e interessado em tudo que vai descobrindo.

Na escola de 2º grau é hora de resgatar a confiança, para continuação do processo de aquisição de sua identidade. Por esse motivo, o ambiente escolar deve oportunizar o desenvolvimento da autonomia, competência, capacidade criativa e coragem para enfrentar o mundo. Uma equipe multidisciplinar é essencial no acompanhamento das aquisições escolares. Médico, psicólogo, assistentes sociais entre outros, devem empenhar-se em minimizar os conflitos e dificuldades dessa fase.

Adolescência é tempo também de conquistas, descobertas e amadurecimento necessários na vida de qualquer pessoa. Por isso, não se deve acelerar nem impedir sob qualquer pretexto, essa passagem para o mundo adulto. Isto requer tempo, e esse tempo deve ser dado, bem como o prazer de experimentar a construção da personalidade adulta e de um estilo de vida próprio, correspondente aos seus valores e modelos (BENETTI p. 62, 1990).

Uma escola para adolescente deve estar preparada para enfrentar com amor, competência e sabedoria os seus alunos, o que só se torna possível se há conhecimento, compreensão e aceitação das transformações biopsicossociais e afetivas que aí ocorrem, a fim de prevenir, orientar ou até mesmo remediar possíveis desvios que venham a prejudicar o desenvolvimento normal do adolescente.

É preciso ainda reconhecer a necessidade de investimento com relação à freqüente atualização dos profissionais que lidam com o adolescente, para que possam instrumentalizar-se científica e pedagogicamente, face às constantes modificações comportamentais que ocorrem a cada geração.

A escola para adolescentes precisa estar e sentir-se viva, a fim de enxergar seus alunos com mais prazer e alegria.

### ***Bibliografia***

- ABERASTURY, Arminda et alli. Adolescência. 2ª ed. Artes Médicas. Porto Alegre 1988.
- BENETTI, Rosa Giuliana. Adolescência: notas de psicologia. Edições Paulinas. SP. 1990
- GRÜNSPUN, Haim. Distúrbios Neuróticos de Criança. 4ª ed. Livraria Atheneu. RJ., SP, Belo Horizonte 1995.
- NOVAES, Maria Helena. Psicologia Escolar. 2ª ed. Vozes . RJ. 1986.